

Resenha:

“O coração de Heidegger: sobre o conceito de tonalidade afetiva em Martin Heidegger” de Byung-Chul Han

Agenor Florêncio Costa Neto¹

RESUMO:

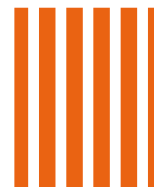
No livro “O coração de Heidegger: sobre o conceito de tonalidade afetiva em Martin Heidegger”, o filósofo sul coreano Byung-Chul Han procura resgatar aspectos importantes da filosofia existencialista de Martin Heidegger a partir do conceito de tonalidade afetiva. Em diálogo com pensadores como Immanuel Kant, George Wilhelm Hegel, Friedrich Nietzsche e Michel Foucault, Byung-Chul Han propõe um resgate do conceito de tonalidade afetiva nos primeiros escritos e escritos tardios de Heidegger. A motivação da obra do filósofo sul-coreano se dá devido a busca de uma compreensão epistemológica de Heidegger quase 3 décadas após a sua tese de doutoramento sobre categorias fundamentais da filosofia existencialista e fenomenológica heideggeriana. Com isso, esta resenha pretende discorrer sobre aspectos centrais da obra e elucidar a importância da busca pelo estado de ânimo que vai ao reencontro entre o indivíduo e suas ações a partir da leitura proposta por Han dentro da arquitetura intelectual heideggeriana.

PALAVRAS-CHAVE: Heidegger; tonalidade afetiva; Byung-Chul Han; existencialismo; fenomenologia

ABSTRACT:

In the book “Heidegger's heart: on the concept of affective tonality in Martin Heidegger”, the South Korean philosopher Byung-Chul Han seeks to rescue important aspects of Martin Heidegger's existentialist philosophy based on the concept of affective tonality. In dialogue with thinkers such as Immanuel Kant, George Wilhelm Hegel, Friedrich Nietzsche and Michel Foucault, Byung-Chul Han proposes a recovery of the concept of affective tonality in Heidegger's early and late writings. The motivation for the South Korean philosopher's work is due to the search for an epistemological understanding of Heidegger almost 3 decades after his doctoral thesis on fundamental categories of Heidegger's existentialist and phenomenological philosophy. Therefore, this review intends to discuss central aspects of the work and elucidate the importance of searching

¹ Professor de Sociologia da rede estadual do Rio Grande Do Norte (SEEC-RN)- Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: florencioagenor@gmail.com



for the state of mind that leads to a reunion between the individual and their actions based on the reading proposed by Han within Heidegger's intellectual architecture.

Keywords: Heidegger; affective tone; Byung-Chul Han; existentialism; phenomenology

A obra tem seus direitos de publicação de 2023 pela editora vozes e reflete uma parceria de longa parceria, pois *O coração de Heidegger* é a 23ª obra do pensador sul coreano Byung-Chul Han que a editora realiza a tradução e apresenta para as comunidades acadêmicas e não acadêmicas da sociedade brasileira. Nascido em 1959 na capital sul coreana, estudou sobre metalurgia e a literatura nacional até meados da década de 1980 quando muda para a Alemanha em busca do contato com estudos sobre a literatura germânica, mas devido às dificuldades de adaptação com a língua alemã decide iniciar seus estudos em filosofia na Universidade de Freiburg e passa a ter contato com as contribuições de Friedrich Hegel, Immanuel Kant e Martin Heidegger.

Ainda no final da década de 1990, no ano de 1994, o pensador sul coreano defende seu doutoramento com uma tese baseada nas contribuições de Martin Heidegger com o argumento de que as correntes filosóficas da fenomenologia e do existencialismo são compreendidas dentro de alguns pontos axiomáticos que os conectam para a compreensão da relação existente entre o ser humano e o significado que este possui sobre o mundo.

Influenciado pelas contribuições de Heidegger na compreensão do *ser-aí* e das dinâmicas ontológicas em questão, o pensador sul coreano retorna ao pensador da metafísica quase 30 anos depois da defesa da sua tese com o objetivo de nos levar a compreender a intrínseca relação entre a temporalidade, a angústia e a autenticidade ao realizar um giro axiológico para entender a influência do conceito de *Stimmung*: a condição do estado de ânimo dentro das ações intelectuais presentes na metáfora do coração heideggeriano.

A obra o “coração de Heidegger” possui aproximadamente 500 páginas e foi dividida em IX partes que nos leva com cuidado e dedicação epistemológica ao entendimento das principais etapas teóricas entre os percalços da ontologia e da subjetividade sobre os desafios da afetividade, os desafios da essência do ser e a busca de encontrar um possível existir autêntico.

Logo na parte introdutória do livro, Byung-Chul Han realiza um deslocamento gnosiológico ao argumentar que a compreensão sobre a função do coração para Kant e Heidegger são distintas uma vez que o primeiro compreendia o coração apenas enquanto um membro sem movimentos e por isso, o direcionava para uma vida na qual o anseio expandia o coração sem a fruição necessária da vida e, portanto, o levaria para o definhamento ou para a própria agonia do sujeito. Já no segundo deslocamento, o pensador sul coreano compreende que Heidegger entendia o anseio de um modo não indolor, mas que pensa “a partir da atenção a voz do ser em direção à afinação que provém dessa voz. O coração guarda o ser ou o acontecimento apropriador ao trabalhar como o guardião da tonalidade afetiva fundamental” (HAN, 2023, p. 39). A tonalidade afetiva passa a ser compreendido enquanto o fio condutor da possibilidade da vida para o pensador sul-coreano radicado em Berlim, pois Heidegger compreendia a arte de viver e a arte de cuidar do outro ao ponto de refletir sobre as bases de início da compreensão ontológica do ser no movimento afetivo circunscrito ao coração.

No capítulo II intitulado de “a magia do aí” o pensamento heideggeriano é direcionado para um giro axiológico cujo o grande desdobramento proposto por Han é o da busca pela tonalidade afetiva dentro do pensamento finito e interior presente no jovem Heidegger. Logo, a busca pela afetividade não faz menção aos assuntos voltados apenas para o afago: é necessário compreender que existe um esforço em Heidegger para compreender a afetividade numa condição que a própria proposição linguística possui dificuldades em classificar e por isso é sintetizada, com muito cuidado, na expressão *ser-em*.

O *ser-em* contribui para a compreensão da *coisa em si* a partir das operações subjetivas que os afetos produzem, pois o esvaziamento das ações coisificadas no mundo é deixado de lado quando o passo da relação entre dois entes é dado com base numa relação recíproca, gratuita e sem condições de idealizações dentro do puro romantismo, paradoxalmente, socialmente útil a própria humanidade. O pensador sul coreano compreende que a verdadeira busca entre o eu e o outro através de um esforço afetivo arqueológico produzido pela lembrança da relação histórica entre os entes e as condições ideais construídas no momento para gerar uma ponte de vitalidade cuja a relação com o eu, o mundo e o elo de esquecimento entre eles seja substancialmente superada.

É nesse momento de que a magia do aí acontece uma vez que ele *sempre já* está dado dentro da não repressão subjetiva da memória. Nas palavras de Han “o sempre-já, não registrável pela

representação, a chegada furtiva do aí, é a magia do dom. Dom já está sempre aí, já sempre chegou, e mais precisamente antes de qualquer chegada do ente” (HAN, 2023, p. 75).

No capítulo três do ensaio, o entusiasta do pensamento heideggeriano, Han, não escolhe o título “*pele de galinha como imagem mental*” a esmo: a analogia de que para cada pensamento há uma possibilidade de afeto e para cada sensação de tédio é a ave do sonho que consegue chocar as possibilidades da experiência são pertinentes, pois o pensamento também é a capacidade de se deixar influenciar pelo o que não conscientemente de modo imanente.

Han argumenta que desde a obra “O ser e o tempo”²(nota de rodapé sobre a obra) Martin Heidegger se esforça para produzir uma sensibilidade hermenêutica sobre o pensamento e as consequências fora do ente que age, de modo objetivo ou subjetivo, a partir de uma dinâmica cujo o Ser-aí significa “tornar interior o exterior do ser-consciente. Não se proclama nisso algum realismo; em vez disso, pergunta-se por um lá fora que está próximo e mais distante ao mesmo tempo, que é mais real do que a realidade” (HAN, 2023, p. 78).

A partir dessa reorganização da relação entre o ser e o ente, Byung Chul-Han propõe que Heidegger realiza uma virada hermenêutica do pensamento ao compreender que o pressentimento é uma condição que ocorre fora das influências da economia e do trabalho já que se inicia na consciência do ente sem o contato dessas instituições. Logo, o pressentimento não possui nenhuma expectativa de possibilidades e não se esforça para ir além de si mesmo e, não obstante, a obriedade e a tranquilidade do já se tornam inerentes.

Então o que garante a relação entre o título do capítulo e a concepção de pressentimento em Heidegger que Han observa? A comoção do ser produz a tonalidade afetiva no tédio. Basta compreender como o tédio produz o sentimento latente do próprio sujeito com seus medos, anseios, desvaneios, esperanças, ânimos e estados provocantes que vão proporcionar um movimento intracognosciente no qual o domínio sobre o tempo é uma possibilidade. Na ocasião, a pele de galinha é uma metáfora que leva o leitor a compreender que Heidegger encontra uma possibilidade autenticidade no tédio: o contato consigo sem a superficialidade de influência da sensação da perda de tempo e até mesmo do fracasso. O esforço para encontrar o que vai além da

² HEIDEGGER, M. Ser e tempo (1927), Partes I e II, tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback, Petrópolis: Vozes, 2002.

pele da galinha condiciona a vida a fatores externos que distanciam o ser de sua própria condição temporal, por isso o estado de tédio nos leva a uma compreensão mais intrínseca da galinha para além da sua pele e podemos assim, compreendê-la numa dimensão mais ampla que vai do ovo, ao nascimento e a construção da sua experiência enquanto uma narrativa finita guiada por incertezas, mas paradoxalmente compreensível quando ela é compreendida na condição de tédio.

No capítulo intitulado de “voz”, Byung Chul-Han nos leva a compreender que a oralidade proporciona uma condição de apreensão da relação entre o ser e o mundo de modo mais qualitativo e epistemologicamente fiel sem deixar vestígios materiais. Essa concepção heideggeriana não é recente e o pensador alemão antecipa que Platão produziu um movimento logocêntrico ao “transcrever” os diálogos de Sócrates com seus discípulos e com os sofistas. Esse movimento é claro quando, por exemplo, Platão em *A república*³ faz o flautista desaparecer nos seus diálogos. Aristóteles, grande arquiteto intelectual do mundo das sensações, também proporcionou um errôneo deslocamento da condição da voz enquanto uma genuína fonte de conhecimento fiel sobre a realidade ao argumentar que Atenas rejeitou a flauta por acreditar que o instrumento não produzia nenhuma contribuição para o intelecto. Essa economia logocêntrica, argumenta Han, contribui para que alguma forma de significado seja perdida dentro da condição afetiva no momento em que o ser fala e expõe afetivamente sua condição pulsante sobre a vida e, ao mesmo, tempo sobre ele mesmo.

No final do século XX Jacques Derrida⁴ também comenta sobre a falta da interioridade necessária cujo os textos escritos subtraem da voz. Cada enunciado, cada construção proposta é perdida entre alguma condição gramatical ou semântica e o “ouvir-se falar” é posto ao invés do “falar como é”. É preciso ressaltar que Heidegger não coloca a voz acima do texto: o apontamento reside no modo como a voz produz uma compreensão diferente do texto e o modo como o segundo foi secularizado pela filosofia clássica em detrimento do primeiro trouxe consequências hermenêuticas que muitas vezes levam o leitor ao mundo da unilateralidade na compreensão do ser.

³ PLATÃO. República. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002. Tradução de Enrico Corvisieri.

⁴ DERRIDA, J. A farmácia de Platão. São Paulo: Iluminuras, 1997.

Na parte V denominada “Tonalidade afetiva das imagens”, o filósofo heideggeriano procura demonstrar que o movimento estético da metáfora é necessariamente um momento metafísico, pois que existe uma conexão entre a mão do artista e o pensamento proposto numa relação de extensão entre o ente e a obra. A estrutura linguística não pode ser reduzida ao espiritual devido aos problemas possíveis da leve (ou grave) discrepância entre a voz e o texto, por exemplo, mas a arte possui uma áurea frankfurtiana que nos leva ao argumento de que a sensibilidade do artista exposta em sua obra produz uma condição de afetividade indispensável que procura resumir numa imagem a condição do mundo representava pela compreensão subjetiva do artista.

A objetificação de uma obra de arte quando concluída revela a condição subjetiva do artista que leva ao mundo a sua subjetividade interna e que não carece de aceitação para ter validade uma vez que o mundo já foi externalizado em sua obra. Logo, o âmbito metafísico da sensibilidade é realizado na mais bela expressão da condição humana em um “simples” artefato material: a obra de arte é independente de ser uma pintura, uma escultura, uma peça de teatro, uma fotografia, uma película ou uma expressão corpórea manifestada na dança, conduz o olhar ao movimento do sublime direito a contemplação.

Na parte VI do livro “pele de galinha como rastro divino” Byung Chul-Han argumenta que a metáfora da pele de galinha é a busca pelo rastro da imagem estética da busca pelo divino e não produz estremeamento. Devido a necessidade humana de buscar um sentimento metafísico para reforçar as ações ou produzir acalanto sobre o mundo compreendido pelo Ente, a ideia de Deus produz a busca pela purificação do estado de coisas e conduz o ser a um estado sublime na qual a representação para o mundo é sintetizada nas ações sobre a divindade.

O coração, então, deixa de ser uma simples representação que sintetiza sentimentos para encontrar em Deus um sentimento duradouro que faz da existência uma trajetória que alivia as dores do mundo e conduz ao estado de ânimo puro na qual o coração inconsciente torna-se o grande agente que vai sintetizar o mundo para o ente que o carrega e “o coração se torna a casa de Deus, quando pensamos até a inconsciência e na inconsciência” (página 217).

Na parte VII do livro o título recebe a nomenclatura de “a órbita excêntrica” e é dividido em três 5 partes: 1 “A respiração sustida”; 2 “jogo final”; 2.1 “angústia ou terror”; 2.2 “recato” e 2.3 “espera ou contenção”. A tônica do capítulo versa sobre o distanciamento que o ser humano

produz de si já na própria condição de início de uma trajetória na qual a dialética da busca pela liberdade produz o movimento contrário de alcançar essa liberdade externa em detrimento de um vazio deixado no seu próprio interior deixando o ser humano livre do *Ser em si*.

Em busca da liberdade o ser se despede de si uma vez que o indivíduo produz uma respiração sustida no primeiro espanto das ações que permeiam a sua própria existência e essa relação não produz uma condição alegórica de busca pela descoberta intelectual de uma nossa possibilidade sobre a realidade presente nas teses platônicas ou aristotélicas sobre a vida. O que está em jogo para Heidegger é a busca pelo entendimento fáustico⁵ da narrativa inicial do indivíduo sobre o mundo cuja a grande batalha é saber como o indivíduo busca o seu significante e os seus referenciais a partir das primeiras objeções que o mundo apresenta a sua própria narrativa.

O espanto, para Han, inunda a condição ontológica do sujeito e de certa forma o deixa refém e não se sabe como entrar ou sair, mas apesar de toda a pressão o espanto contém uma dinâmica que por não derrubar o ente por completo leva-o a um movimento de necessária resistência, um habitar em si que produz uma sensação de auto aconchego. Saber lidar com esses movimentos ontológicos é poder se aproximar do sentimento de tonalidade afetiva, segundo Heidegger. Em suma, “o espanto impõe silêncio ao sujeito e ao seu trabalho de síntese. É um sopro do pensamento que persevera antes da síntese, sem parar de pensar” (HAN, 2023, p. 75).

O sopro após o espanto e a busca pela resistência levam Byung-Chul Han a compreender que o ser humano conduz suas ações para um salto cuja a tonalidade afetiva o leva para a fuga de um abismo que reside na coisificação do mundo em suas próprias lentes morais. O salto é uma busca por uma mudança de pensamento para a busca de uma auto sintomia. O pensar torna-se uma mola propulsora que realiza um salto acrobático entre o estado de espanto e a capacidade de ir além das possibilidades impostas que negligenciam a própria condição existencial. A nadificação da angústia deixa de fazer parte de uma condição finita para se tornar uma possibilidade mediante o hiato entre a tonalidade afetiva e a capacidade de espanto que o ser humano manifesta, perplexo, diante das suas próprias ações.

O recato torna-se então uma possibilidade quando o espanto é compreendido como uma possibilidade para resistir mediante as dores do mundo. Assim, o representável e o vivenciável

⁵ GOETHE, Johann Wolfgang von. Fausto: uma tragédia (primeira parte). São Paulo: Ed. 34, 2004

fazem do movimento de espanto uma tentativa de aquecer o coração proposto por Heidegger para o sentimento de pureza sobre a vida que o indivíduo sepulta para si e mesmo com os mecanismos de maquinações externos pressionando as ações tornam-se maiores que as próprias dinâmicas subjacentes a vida. Como a tonalidade afetiva e não apenas metafísica o coração em Heidegger pulsa pelo recato e assim se opõe ao maquinato de manifestações diferentes em si e logo a resintonização do coração é a recunhagem do próprio ser.

Na parte VIII da densa obra sobre a tonalidade afetividade em Heidegger, o pensador Byung-Chul Han procura definir a dor enquanto uma ação que surge da impossibilidade de uma identidade que fracassa ao buscar superar a diferença e serve ao mortal como um pêndulo moral que dá ao indivíduo a concepção um movimento dialético entre estar vivo, mas sentir-se fracassado como se a mortalidade chegasse à sua porta. A dor, então, passa a ser a tonalidade afetiva fundamental para a busca da voz sintonizadora do ser, pois leva-o a busca pela superação das contingências que outrora atrapalham o ser. Nas palavras do próprio Han: “a dor abre um espaço em que o pensar se torna possível pela primeira vez, um espaço sem traços antropológicos, e do qual o sujeito desapareceu” (HAN, 2023, p. 331).

O pensar é compreendido como o dom produzido pela dor e leva o indivíduo para a fenda da clemência para o lugar da graça cujo os incomensuráveis e incontáveis sofrimentos são aliviados momentaneamente pela narrativa moral da metafísica da trajetória sobre a realidade e as dificuldades que ali se projetam durante a existência de um ser. Tal movimento leva a angústia que surge de uma suposta brecha entre o ser e o ente cuja a consciência natural dificilmente consegue suportar.

No último capítulo da obra Byung-Chul Han compreende que o esforço de Martin Heidegger se assemelha a meta-teoria ⁶ao proporcionar um deslocamento hermenêutico sobre a ideia de totalidade e como a vida de um modo amplo é baseada das concepções existentes entre o ser e o mundo a sua volta. O pensador sul coreano sai em defesa do filósofo alemão ao demonstrar que vai além da crítica pós-moderna ao procura na totalidade um elo entre as ações do ente e a concepção de vida baseada em diversos eixos: da autopercepção do vazio, a crítica a polifonia que leva a desafinação do pensamento, o Heidegger que existe na concepção proposta por Byung-Chul

⁶ VANDENBERGHE, Frederic. Metateoria, Teoria Social, Teoria Sociológica. BlogLabemus, 2019.

Han vai de lampejos com a metafísica a distanciamentos necessários das contribuições de Hegel, Kant e Foucault sobre a história, o indivíduo e as coisas aos redor. Mas algo fica intrínseco na obra: o anseio de Heidegger pelo vitalismo é percebido em cada capítulo escrito por Han e à medida que há o aprofundamento nas páginas somos levados a refletir densamente sobre a natureza da existência.

A busca de um existir autêntico foi percorrida como um fio existente num cachecol produzido por uma pobre costureira que nos últimos dias de vida desenvolve o artefato para o seu neto resistir ao duro inverno berlinense: muita dificuldade em jogo; muitas limitações e pausas para refletir sobre os caminhos levados do seu primeiro dia de vida até a relação afetiva com o seu netinho que reveza sua consciência sobre o brincar, o olhar afetivo sobre a avó e o frio que o castiga lentamente; um sentimento de pausa no tempo ao entrelaçar os fios em cada entrada realizada pelas agulhas e uma angústia quando uma delas se rompe; a dor de ter que recomeçar quando a máquina estraga o ponto perdido; os pedidos ao sagrado para ter forças para continuar a sua derradeira obra; o sentimento de medo de não conseguir concluir e, paradoxalmente, o ânimo de saber que ao concluir o seu neto terá em mãos o resultado de uma entrega vital de uma pessoa que viveu entre sonhos, frustrações e delírios, mas que fez do seu coração um grande remendo entre ela e o mundo.

Tal qual Heidegger desejava, o mundo não é um vazio em si ou uma aporia helicoidal: o mundo pode ser o desejo dos afetos e aspirações vitais sobre o ser. O estado de ânimo é a grande busca do ser que morre em vida e vive enquanto caminha para morte. O segredo está no salto que se realiza em busca do fio condutor que guia o coração e a consciência para o desabrochar do esplendor que é viver a vida fáustica, mas com a notícia que podemos extrair dela a transvaloração dos valores necessária para que a tonalidade afetiva heideggeriana seja sentida de modo intenso e com todos os recatos possíveis.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

DERRIDA, J. **A farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Fausto: uma tragédia (primeira parte)**. São Paulo: Ed. 34, 2004

HAN, Byung-Chul. **O coração de Heidegger**: sobre o conceito de tonalidade afetiva em Martin Heidegger. São Paulo: Vozes, 2023. 478 p.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo (1927), Partes I e II**, Petrópolis: Vozes, 2002.

PLATÃO. **República**. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002. .

VANDENBERGHE, Frederic. **Metateoria, Teoria Social, Teoria Sociológica**. BlogLabemus, 2019.

